

Impressas Experiências: explorando a imagem atemporal da arte impressa contemporânea

**ISABELLA ISLABÃO¹; ELOIZA DA SILVA²; VITOR MATHEUS SANDI SARAIVA³;
DHEIVISON ARAÚJO DA SILVA⁴; ANA FUENTES⁵; KELLY WENDT⁶**

¹UFPel - isabellaislabao@gmail.com

²UFPel – eloiza.silva2@hotmail.com

³UFPel - vitorsaraiva621@gmail.com

⁴UFPel - dheivisonaraujo@gmail.com

⁵UFPel - aninhafuentes53@hotmail.com

⁶UFPel – kelly.wendt@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Este resumo vai refletir a produção de dois trabalhos da série **Impressas Experiências**, que consiste em gravuras produzidas coletivamente através de impressões de folhas de plantas e xilogravuras de duas matrizes recortadas, realizadas pelo grupo de pesquisa Gráfica Contemporânea CNPq/UFPel. O trabalho fez parte da Mostra de Arte Unifica que aconteceu durante o I Congresso de Projetos Unificados do Centro de Artes, realizado no Centro de Artes/UFPel este ano, em agosto.



Figura 1: Série Impressas Experiências, carimbo e xilogravura sobre tecido, 80 x 100 cm, 2023.



Impressas Experiências (Figura 1) traz questões importantes para a pesquisa em arte impressa contemporânea, que leva a pensar o processo de reprodução da imagem como um gesto repetitivo e de contato, enquanto ação inerente ao homem, que no âmbito da sua feitura levanta considerações também desta onipresença da imagem, tanto oriunda da matriz como na imagem final.

A reprodução sempre atendeu as necessidades de seu tempo, através de técnicas de impressão tradicionais como a xilogravura, datada do séc. XIV, que ainda se mostram instigantes na contemporaneidade, sendo utilizadas atualmente com a ajuda das mais distintas tecnologias e ampliando os formatos, construindo um diálogo entre tradição e inovação. Segundo DIDI-HUBERMAN (1997):

Todas as práticas de impressão, desde os primórdios do homem, passando pela idade média, pela renascença ou pela iconografia de cada época, estão sempre jogando com o paradigma da impressão, duplicar legitimamente, disseminar o único, aproximar o distante até a sensação tática, (o vestígio) afastar o contato até a distância intransponível (aura) da face enquanto face. (DIDI-HUBERMAN, 1997)

Desta forma, o trabalho mistura o gesto rudimentar de carimbar folhagens e a matriz recortada de compensado evocando um sentido atemporal enquanto reprodução da imagem, trazendo questões importantes para a gravura como linguagem no nosso contexto contemporâneo.

2. METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho coletivo foram utilizados distintos materiais e processos de impressão sobre o tecido de algodão cru. Usando como matriz folhas de plantas coletadas, entintadas e carimbadas de um lado do suporte, e do outro, xilogravura em matriz recortada.

Num primeiro momento coletamos e separamos folhagens para usar como carimbo no tecido esticado. Para essa etapa as folhas foram entintadas com tinta tipográfica com cores predominantes em tons de verde, mesclando o azul e amarelo e um mínimo de vermelho, formando uma composição harmônica, com o intuito de preencher grande parte do suporte. Em seguida, partimos para a confecção de uma matriz recortada em compensado, iniciando com a preparação do desenho para o recorte. O desenho, extraído de imagens da internet, da *prensa*¹ de Gutenberg² e outra prensa do mesmo período histórico foram apropriadas a fim de sobrepor a estampa de folhas das plantas, mesclando as concepções de imagens e as diferentes formas impressões. Foi necessário escavar a madeira e cortá-la para que as formas das prensas ficasse vazadas e bem definidas usando equipamentos de precisão, uma tecnologia absorvida pela necessidade destes cortes detalhados.

A realização dos registros e das provas de impressão no papel permitiram avaliar a qualidade do talho e da entintagem, para então finalizar com a impressão em tecido. Assim, no tecido em que haviam folhagens impressas reproduzimos e em seu verso a matriz recortada, que não interveio nas cores e formas da estampa de plantas, deixando transparecer a imagem da prensa no tecido suspenso.

¹ Nas artes gráficas é um aparelho manual ou mecânico para reproduzir, com tinta, em papel ou outro material, matrizes com imagens e textos, gravados ou fotogravados em placa ou cilindro, através de relevo, entalhe ou plano; impressora, máquina impressora, prelo. (Oxford Languages)

² Johannes Gutenberg (1396-1468) foi um inventor alemão, o primeiro a usar a prensa e os tipos móveis de metal, inventos que revolucionaram a técnica de impressão.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Impressas Experiências explora o gesto simples e natural, o contato e/ou as marcas que deixamos através das nossas ações cotidianas. Fazer impressões com as folhas de plantas como se fossem carimbos, produzir imagens, duplicações e registros, referem à uma manifestação primitiva que se desenvolve no decorrer dos tempos, surgindo novas formas de impressões até chegar a inúmeros recursos técnicos para obter a melhor imagem para os olhos.

A impressão supõe um gesto que se cumpre em um ato. Geralmente um gesto que dá margem a uma marca durável e um resultado mecânico que resulta em negativo ou em relevo. Trata-se de um dispositivo técnico completo. Rudimentar, podemos dizer, pensando no termo ‘técnicas contemporâneas’. O curioso é como até hoje existem artistas que mesmo na idade eletrônica se contentam em recolher imagens de frottage da textura de um assoalho, de conscientemente deixarem a marca de seus corpos na terra, ou gesso ou cimento ou em manchar com o corpo a superfície da tela ou do papel. A técnica não quer dizer então progresso ou novidade, ela olha em todos os sentidos do tempo.

Seguindo este pensamento, considera-se que a impressão é um gesto técnico e a técnica é uma estrutura do tempo, da memória, não somente do progresso. Muitos artistas do século XX investiram e continuam a investir no século XXI, num campo operatório literalmente pré-histórico (fazer impressões), indicando caminhos para se pensar sobre a condição temporal da obra de arte moderna e contemporânea. Portanto, pode-se dizer que as impressões produzidas pelos artistas contemporâneos não são particularmente arquetípicas, nem particularmente pós-modernas, formando um anacronismo fundamental que impõe o reconhecimento dos limites históricos geralmente em uso para falar das coisas ou sobre as coisas artísticas (DIDI-HUBERMAN in VENEROSO, 2021).

A impressão pressupõe uma matriz, seja ela o próprio objeto a ser reproduzido, como no caso das folhagens, como também através de matrizes recortadas em madeira que exige uma ação sobre ela, a produção do entalhe e recorte das matrizes. Hibridizar as diferentes operações de impressão proporciona novas formas de pensar e produzir a arte impressa contemporânea. Desafiando as antigas gravuras que têm a escala das mãos, presentes em pequenos espaços de gabinetes, o trabalho aqui apresentado está suspenso e apresenta a escala do corpo, permitindo que o espectador circule no entorno da imagem.

Desta forma, técnicas usadas na reprodução da imagem durante toda história da humanidade exploram as tecnologias de seu tempo, estas absorvem os meios tradicionais que são traduzidos em novos meios. Então a impressão é um gesto técnico, repetitivo e inerente ao homem, e a técnica como um reflexo do seu contexto e ao mesmo tempo oriunda de um campo operatório primitivo, o de reproduzir imagens, dando condições para refletir a atemporalidade destas imagens. Logo, pode ser considerada uma imagem anacrônica, uma vez que permeia todos os tempos. (VENEROSO, 2021)

4. CONCLUSÕES

Assim, **Impressas Experiências** permitiu pensar a linguagem da gravura como uma produção que traz o gesto do contato, a reprodução, a pluralidade de materiais,

coletividade e principalmente pela a sua capacidade de vínculo atemporal, circundando a história da humanidade. E foi com esse viés que desenvolvemos esse trabalho coletivo, a ponto de apresentar resultados coesos, enfatizando as multiplicidades da gravura que permeia a contemporaneidade. Portanto, a arte impressa realizada na contemporaneidade traz a técnica tradicional da prática milenar, conjuntamente com a tecnologia dos últimos tempos.

O aumento das novas mídias – vistas por alguns como uma ameaça para o futuro da gravura – tem simplesmente expandido as opções disponíveis. Assim como a invenção da litografia não deixou a xilogravura e a gravura em metal redundantes, e a fotografia não ditou o fim dos meios gráficos tradicionais, também as tecnologias digitais não substituíram outras tecnologias, mas estenderam opções e possibilidades (SAUNDERS; MILES in VENEROSO, 2014, p. 182).

As diferentes técnicas vão trazendo uma progressão de meios. O fazer do artista/pesquisador hoje levanta diferentes questionamentos e permite desenvolver novas alternativas para a arte impressa contemporânea, considerando assim novos materiais, equipamentos e técnicas, sem perder o foco na sustentabilidade dos meios.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DIDI-HUBERMAN, G. **L'Empreinte**. Paris: Catálogo de Exposição do Centro Georges Pompidou, 1997. Tradução e adaptação: Patrícia Franca.
- VENEROSO, M. C. F. **Diagrama da impressão e suas conexões com a palavra e a imagem**. Pós-Limiar, v. 4, e214986, 2021. Online. Disponível em: <https://doi.org/10.24220/2595-9557v4e2021a4986>.
- VENEROSO, M. C. F. **O campo ampliado da gravura: continuidades, rupturas, cruzamentos e contaminações**. Art Research Journal, v. 1, n. 1, p. 171-183, 2014. Online. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/5275/4339>.
- Biografia de Johannes Gutenberg. E-biografia.** Dilva Frazão. Acesso em 20 de set. de 2023. Online. Disponível em: https://www.ebiografia.com/johannes_gutenberg/.
- Dicionário OXFORD.** Acesso em 20 de set. de 2023. Online. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt>.